

SONHOS NO TEMPO DA MORTE: testemunhos oníricos e históricos sobre a pandemia no Brasil¹

Thamara de Oliveira Rodrigues²

Para Adriano Menezes

Era preciso esperar ainda. Mas de tanto esperar, ninguém mais espera – e a nossa cidade inteira vivia sem futuro.

A peste. Albert Camus

Resumo

Este artigo aborda algumas atividades oníricas marcadas pelo desafio da experiência da morte durante a pandemia da Covid-19 e pela sua particularidade política no Brasil. Para isso, realiza-se um diálogo com pesquisas recentes que consideram os sonhos recursos privilegiados para o entendimento do tempo histórico e suas transformações. O exercício de reflexão teórica sobre os sonhos, bem como o registro e o acompanhamento da força poética dessas experiências permitem uma percepção mais alargada dos desafios existenciais, afetivos e históricos da pandemia, especialmente no que tange à sua íntima relação com a morte e com certa “redução” do futuro no Brasil. Os relatos e as análises também atuam como testemunhos de uma experiência que não pode ser reduzida ao silenciamento.

Palavras-chave: Sonhos; Pandemia; Morte; Tempo histórico

Abstract:

This article addresses how dreams (defined as a series of thoughts, images, or emotions occurring during sleep) are challenged by the experience of death in the context of the Covid-19 pandemic and, particularly, its political response in Brazil. For this, we establish a dialogue with recent research which take on the oneiric experience indicates how dreams can be a fertile resource to understand historical time and its transformations. We expect that an exercise of a theoretical reflection on dreams, in addition to a close analysis of oneiric experience's poetic force, will allow us into a broader perception of the existential, affective, and historical impacts of the pandemic in Brazil. We argue that some of these impacts can be seen in a reorientation of a more intimate relationship with

¹ Esta pesquisa conta com o financiamento da Bolsa de Produtividade UEMG e integra o edital PAPq-UEMG 05/2020. Também faz parte da pesquisa de pós-doutorado realizada no PPGBios-UFRJ.

² Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora em História pela Universidade Federal de Ouro Preto com estágio na Universidade de Stanford. Realiza pós-doutorado no PPGBios-UFRJ, sob a supervisão de Rafael Haddock-Lobo. Contato: thamara.rodrigues@uemg.br

death and the narrowing of future expectations triggered by the overwhelming number of lives cut short. In conclusion, we demonstrate how the narrative of dreams (oral and/or written) and their subsequent can stand against a natural (or forced) form of silencing of the living (and the dead).

Keywords: Dreams – Pandemic – Death – Historical time

A pandemia da Covid-19 desencadeou uma crise de proporções ainda incalculáveis, instaurando uma realidade distinta para as gerações dos últimos cem anos. O risco da contaminação e de morte; a necessidade da redução das sociabilidades; o colapso de sistemas de saúde e funerários; a impossibilidade de despedida dos entes queridos; a transformação da relação com o trabalho em diversos setores; o redirecionamento do tempo com familiares e com o lar; a solidão e a falta dela são alguns exemplos mais imediatos de uma rede de situações que atravessaram os sentidos e as práticas mais generalizadas que organizavam nosso cotidiano. Embora ainda não seja possível medir e descrever a exata extensão dos impactos sociais, econômicos, políticos, culturais, afetivos, psicológicos e existências dessa experiência, está claro que se trata de um momento crítico da história global, que assume efeitos e desafios específicos em cada região e também quando levado em consideração marcadores de gênero, de classe social, orientação sexual e étnico-raciais.

Tais transformações repercutem no tempo histórico – experiências e expectativas têm sido ressignificadas em âmbitos individuais e coletivos, tendo diversos intelectuais se dedicado a essas reflexões.³ No Brasil, compreender os efeitos da pandemia e seus desdobramentos nos modos de apreensão e projeção dos futuros torna-se um exercício com características muito particulares e mais desafiadoras, tendo em vista que a crise sanitária foi potencializada por um projeto político que não se preocupou em preservar vidas. Mais grave, esse projeto foi articulado para deixar morrer e fazer morrer parte da população brasileira, ainda que alguns grupos historicamente violentados e abandonados pelo Estado e pela sociedade estejam mais vulneráveis e expostos à morte do que outros.⁴

³ São inúmeras as reflexões sobre a pandemia, entre algumas contribuições destacamos: [Agamben, 2020](#); Butler, 2021; Davis & Klein 2020; Duarte, 2020; Hartog, 2021; Krenak, 2020a, 2020b; Petrone, 2020; Santos, 2020; Pereira, Marques, Araujo 2020.

⁴ As reflexões que abordam a relação entre Bolsonaro, a gestão da vida e a produção de morte por ele praticadas lançam mão das teorias e categorias de biopolítica e neoliberalismo (Foucault, 2005), necropolítica (Mbembe 2018), necrobiopoder (Bento, 2018), estado suicidário (Safatle, 2020). Não nos deteremos sobre elas, mas destacamos que, apesar de suas especificidades, essas categorias têm sido amplamente usadas nas discussões acadêmicas e públicas para descrever parte significativa das práticas cometidas pelo atual governo (embora, tais práticas ultrapassem as próprias categorias e as teorias

No contexto mais inicial da pandemia, sobretudo, mas não restrito a ele, a linguagem pareceu se tornar “insuficiente” para dar conta do dia-a-dia pandêmico e também do absurdo do cotidiano negacionista. Restou uma profunda e generalizada sensação de perplexidade, espanto e exaustão para aqueles que se colocaram contrários ao projeto que incentivou tratamento com medicação ineficaz, ignorou o colapso em hospitais pela falta de oxigênio, resistiu à vacinação, manifestou falta de solidariedade às vítimas e às famílias enlutadas... Esse modo de governabilidade muito próprio a Jair Bolsonaro e a seu governo, cujo princípio encontra o desejo, o poder e o gozo de matar e deixar morrer, somado ao modo como a doença afetou os sujeitos e suas relações sociais e culturais, expôs parte expressiva dos brasileiros a uma experiência de fuga do futuro.

A dificuldade na produção de análises capazes de esboçar sentidos à crise vigente no Brasil, tendo em vista seu absurdo, que faz escapar qualquer senso de justiça possível, torna desafiadora a responsabilidade de narrar essa experiência em termos epistemológicos, ético-políticos e existenciais. É importante destacar, portanto, que este texto se produz em meio a uma experiência de angústia profunda articulada individual e coletivamente, a qual a produção acadêmica não está isenta de vivenciar e de repercutir. Vale pontuar que a noção de angústia mobilizada aqui dialoga com as reflexões de Martin Heidegger. De forma sintética, definimos a angústia como uma disposição afetiva relacionada ao esvaziamento de sentidos cotidianos. A noção de sentido refere-se aos direcionamentos existenciais, às ações. O seu esvaziamento coloca o ser diante de sua experiência mais primária: descobre-se ontologicamente indeterminado, ou seja, a angústia suspende o poder do mundo (das experiências generalizadas) sobre nós, forçando a uma pausa, obstruindo certo movimento automático da existência cotidiana, cujas consequências são imponderáveis (Heidegger, 2008, ¶ 40).

Na impossibilidade de encontrar na linguagem mais sedimentada respostas suficientes aos desafios provocados por experiências traumáticas e coletivas, a análise de sonhos tem sido considerada um recurso privilegiado por um conjunto de pesquisadores e artistas de áreas diversas. Buscando mapear melhor o entendimento das transformações

disponíveis). André Duarte (2020) observa que a pandemia no Brasil ganha particularidades ao encontrar o “pandemônio”, isto é, a atuação política do (des)governo de Bolsonaro. O conceito de (des)governo não é uma um recurso retórico, mas um “projeto de esvaziamento e de perversão do sentido da democracia” acompanhado de um desatino político que leva a uma incompreensibilidade (Duarte, 2020, p. 22). O autor ainda observa que “sob a pandemia os perversos efeitos colaterais de exclusão social e de exposição ao risco da morte, próprios às tecnologias biológicas e neoliberais de gerenciamento da vida da população, viram-se ainda mais intensificados e agravados a partir do momento em que foram recobertos e ressignificados pelo vetor necropolítico, do qual somente podemos esperar a produção da morte e demais efeitos de destruição” (Duarte, 2020, p.25).

do horizonte histórico, multiplicam-se, a partir de recortes teóricos e metodológicos distintos, a composição de panoramas oníricos que oferecem um repertório crítico do imaginário e da apreensão política, cultural, social, histórica e afetiva do cotidiano em geral e, mais recentemente, da pandemia em particular.

O marco contemporâneo de inspiração desses modelos de mapeamentos oníricos tem como uma das referências a obra de Charlotte Beradt, a qual retomo brevemente na seção seguinte junto a alguns exemplos de pesquisas correntes no Brasil dedicadas a explorar a experiência onírica na pandemia. Em seguida, realizo uma discussão teórica sobre os sonhos e a atuação deles para o diagnóstico da realidade histórica, bem como sobre a capacidade deles de intervenção nela. Em um terceiro momento, o ensaio dedica-se à descrição e à análise de três sonhos atravessados pelo desafio do enfrentamento da morte na atual conjuntura. As atividades oníricas escolhidas expressam algumas atitudes perante à morte que podem auxiliar na assimilação de horizontes históricos e afetivos ligados à pandemia, suas condições de possibilidade e seus desdobramentos junto e para além do que está imediatamente comunicável.

Os sonhos como oráculo do terror: a cartografia onírica de Charlotte Beradt

Goebbels chega à minha fábrica. Manda os funcionários se alinharem em duas filas, uma à direita, outra à esquerda. Eu devo ficar entre elas e fazer a saudação a Hitler com o braço. Levo cerca de meia hora para levantar o braço apenas alguns milímetros. Goebbels observa meu esforço como se assistisse a um espetáculo, sem expressar nem aprovação nem desagrado. Quando finalmente consigo erguer o braço até o fim, ele diz apenas seis palavras: 'Eu não desejo a sua saudação'. Daí vira-se e vai na direção da porta de saída. Eu fico exposto daquela maneira em minha própria fábrica, entre meus próprios trabalhadores, como o braço levantado. Fisicamente, só posso ficar assim. Então fixo o olhar no pé torto de Goebbels, enquanto ele se retira, mancando. E permaneço nessa mesma posição até acordar (Beradt, 2017, p. 30).

Em 1966, a jornalista judia alemã Charlotte Beradt publicou o livro *Sonhos no Terceiro Reich*. Trata-se de uma reunião de sonhos de mais trezentas pessoas coletados entre 1933 e 1939 que repercutiam os efeitos angustiantes após a ascensão de Hitler ao poder na vida ordinária de cidadãos que, de forma geral, estavam na mão oposta ao regime. O relato onírico acima abre o livro. O sonhador é o senhor S., um homem de sessenta anos, socialdemocrata, dono de uma fábrica de médio porte. O sonho aconteceu no terceiro dia após a ascensão de Hitler ao poder. Ele se repetiu diversas vezes, mas com acréscimo de humilhações: em um deles ao tentar levantar o braço sua coluna vertebral se quebra, em outro o suor pelo esforço da saudação é tamanho, que parecem lágrimas a correr pelo rosto.

O senhor S., segundo o relato de Beradt, continuou um homem livre, não teve problemas com sua fábrica durante muito tempo. Quando em uma conversa sobre política contou a ela o sonho, ele ficou vermelho e a voz trêmula. Foi em sonho que elaborou aquilo que acordado estava proibido de expressar. Os sonhos do senhor S. e dos/as demais sonhadores/as entrevistados/as, com suas particularidades, atuaram, segundo a análise de Beradt, como uma tortura mental imposta aos sonhadores. Além do mais, esses sonhos coadunavam a experiência do totalitarismo: a humilhação moral pela qual o senhor S. viveu dormindo, correspondia à destituição de sua subjetividade, procedimento caro ao nazismo. As atividades oníricas em questão, diz Beradt, são uma “parábola perfeita da fabricação do homem totalmente assujeitado” (Beradt, 2017, p. 31). Ele indica o processo de fratura de um sujeito que para sobreviver precisaria torna-se um outro, cuja medida foi violentamente dada por um Estado totalitário.

O sonho do senhor S. alimentou em Beradt a decisão de que tal experiência não poderia desaparecer. Não apenas em razão da potência da narrativa histórica expressa no sonho, mas ela também acreditava que os relatos poderiam somar-se às provas da violência praticada pelo nazismo que se anteciparam à fase do terror: “caso o regime [...] viesse a ser julgado algum dia, esses sonhos poderiam ser usados como provas, pois pareciam estar repletos de informações sobre os afetos e os motivos das pessoas quando acionadas [...] ao mecanismo totalitário” (Beradt, 2017, p. 33). Inspirada pelo relato do senhor S., Beradt passou a questionar casualmente pessoas comuns sobre suas experiências oníricas – a costureira, o vizinho, o leiteiro, a tia... Ela os anotava e os guardava em segredo, também os enviando por meio de cartas para fora do país para encontrá-los, caso tivesse que fugir do regime, o que de fato aconteceu em 1939.

A reunião e análise dos sonhos deixam claro que boa parte dos alemães não alinhados ao nazismo foram condenados a sonhar de forma bastante similar, variando a intensidade das torturas oníricas à medida que o regime avançava. Ainda que inicialmente, parte significativa dos sonhadores não soubessem nomear aquelas vivências, ou seja, não tinham conscientemente por meio da linguagem cotidiana articulado os sentidos e as consequências do nazifascismo para si, suas experiências oníricas repercutiam o fenômeno da demolição do indivíduo e da destruição da diferença. Há ainda nos sonhos um pano de fundo que se deforma, valores se dissolvendo, dimensões racionais se enredando a contextos fantásticos. A vida cotidiana onírica esboça uma dimensão literária, um realismo ficcional, como as parábolas kafkianas, que estruturavam o absurdo

– a ausência de qualquer explicação possível capaz de atribuir sentido a uma experiência profunda de injustiça (Kafka, 2012, 2016; Levi 1997; Koselleck, 2017).

Beradt realizou, portanto, uma cartografia onírica e histórica do Terceiro Reich que oferece um repertório sobre como a negação do indivíduo e de sua subjetividade pelo totalitarismo foi assimilada e enfrentada. Assim, ela potencializou o valor coletivo das experiências oníricas na medida em que foram narradas, registradas, analisadas e, posteriormente, tornadas públicas. Sua cartografia inspira desde então projetos diversos no mundo.

Atualmente, no Brasil, são muitas as pesquisas direcionadas à construção e ao estudo de panoramas oníricos. Entre eles, por exemplo, há o estudo multicêntrico *Sonhos Confinados* que reúne pesquisadores e pesquisadoras de diversas instituições do país em diálogo profundo com a psicanálise, cujos primeiros resultados foram publicados no livro *Sonhos Confinados – o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia* (Dunker, Iannini *et. al.*, 2021). A partir de recortes temáticos distintos e com base em um banco de sonhos construído pelos pesquisadores/as, destaca-se no livro a hipótese de como as experiências oníricas foram centrais para visualização e elaboração das angústias desencadeadas pela pandemia.

Destaco também o banco de sonhos [Pandemic Dreams Archive](#). Trata-se de uma plataforma digital que reúne e disponibiliza relatos oníricos durante a pandemia, na qual as pessoas podem compartilhar suas imagens de sonho e/ou interagir com outros relatos – uma proposta de arquivo histórico construído coletivamente a partir da qual os/as interessados/as possam vir “a desenvolver suas próprias ciências do sonho, ou se entregar à força literária dos relatos” (Borges, Diniz, Frazão, Pimentel 2020, online). O arquivo conta com mais de 500 depoimentos de pessoas de diversas partes do mundo, possui gráficos que exploram as interconexões semânticas dos sonhos e promove a interação com algoritmo MacUna – criado para encontrar modos de conexão entre os signos que aparecem nos sonhos compartilhados, gerando narrativas e tornando visível a rede de inconscientes.⁵

Gostaria de destacar também o jornal *O onírico*, “o primeiro jornal oniropolítico do Brasil”. A iniciativa editorial de Laura Barcellos Pujol e Luciano Bedin da Costa é uma publicação periódica digital, impressa e gratuita de caráter artístico e cultural que compõe um projeto de extensão vinculado à UFRGS. O periódico, cujo primeiro volume

⁵ O arquivo está disponível em: <https://archivedream.wordpress.com/>. Acessado em: 15/09/2021.

foi lançado em junho de 2021, publiciza e interage crítica e criativamente com experiências oníricas, noticiando-as e interagindo com elas na sua dimensão estética, ética e política. Como observam os editores – “viemos em defesa da possibilidade de extrapolação da imaginação [...]. Um realismo onírico para dizer basta para tanta pseudo realidade capital. Ainda sonhar, pois acreditamos na necessidade de mais imaginação, nunca menos” (Editorial *O Onírico* 2021, p. 3). Essas e outras iniciativas demonstram um crescimento do interesse nas atividades oníricas e sua contribuição para a assimilação coletiva de transformações históricas.⁶

Sonhos: manifestação e reconstrução da experiência histórica

O livro de Charlotte Beradt abordado no início da seção anterior causou grande impacto no historiador Reinhart Koselleck, impressão registrada primeiramente no texto *Terror e sonho – Anotações metodológicas para as experiências do tempo no Terceiro Reich* publicado no seu clássico *Futuro Passado* (Koselleck, 2006, p. 247-265) e em reflexões mais gerais sobre a relação entre história, narrativa e ficção (Koselleck, 2021, p. 109-129). Ele também escreveu o prefácio para edição francesa da obra de Beradt que constitui o posfácio da edição brasileira (Koselleck, 2017). Os relatos oníricos de Beradt confirmavam uma intuição fundamental a respeito da experiência histórica e da estrutura temporal desenvolvida pelo historiador (Koselleck, 2006, 2014).

Para Koselleck, a realidade histórica seria desdobramento de duas dimensões fundamentais. O presente abrigaria heranças que articulariam consciente e inconscientemente os modos de comportamento autonomizados e enraizados. Trata-se do “espaço de experiência” – as vivências acumuladas que ao longo da história, de algum modo, estariam atuantes em nós (ainda que nem sempre seja possível precisá-las). A realidade histórica também seria atravessada pelo que ainda não foi experimentado, mas pode ser intuído ou desejado, o que pode ou não vir-a-ser. Trata-se do “horizonte de expectativas” que, embora nunca se possa alcançar, nos determina igualmente (Koselleck,

⁶ Nas artes, o grupo de teatro mineiro Galpão realizou o espetáculo em formato virtual “Sonhos de uma noite com o Galpão”, escrito e dirigido por Pedro Brício. A construção da peça se baseou em relatos de mais de 150 pessoas sobre seus sonhos durante a pandemia. A peça encena relatos ao vivo, incorporando também alguns depoimentos e a discussão sobre perguntas como “o que temos sonhado?”, “sonhamos coletivamente?”, “transformar um sonho em cena pode ampliar a experiência do sonhador/sonhadora?” Assim, a peça desvela também o processo de construção do roteiro junto às imagens de sonhos. O espetáculo reúne drama, ficção e, simultaneamente, documenta experiências oníricas próprias ao momento histórico, capturando de forma sensível e poética o medo da morte e outros desafios existenciais desencadeados pela pandemia. A sinopse pode ser encontrada em: <https://www.grupogalpao.com.br/pt-br/repertorio/sonhos-de-uma-noite-com-o-galpao>. Acesso: 10/11/2021.

2006, p. 305-27). Da tensão estabelecida entre os “espaços de experiência” e os “horizontes de expectativas” nascem as realidades históricas, cuja mobilidade, seu caráter de transformação, advém do fato dessa realidade ser sempre o mais e o menos das experiências e dos desejos disponíveis. Dessa teoria nasceu a categoria, os “estratos de tempo” ou a “simultaneidade do não simultâneo”: o acúmulo e a sedimentação de experiências, a presentificação de passados e de desejos em um determinado espaço. Os estratos temporais são as camadas de tempo/espaço com diferentes durações e diferentes “origens”. Eles se referem à simultaneidade de experiências e expectativas nas quais umas ficam latentes, outras aparecem mais evidentes e fortes, constituindo um tempo histórico, que não se limita aos seus sentidos mais evidentes e visíveis.

Segundo Koselleck, os sonhos registrados por Beradt presentificaram um componente decisivo da experiência histórica própria ao nazismo, mas não exclusivamente restrito a ele: tratou-se de uma experiência do absurdo, um testemunho dos limites da prática e do registro histórico convencional (Koselleck, 2006, p.327-339). Há experiências que a linguagem (especialmente histórica) a partir de algumas de suas estruturas sedimentadas (linearidade, cronologia, estabelecimento de causas e efeitos) não pode explicar sem correr o risco de justificar. As experiências históricas (umas mais que outras) só podem ser abordadas a partir de sua desrazão – qualquer esforço exclusivamente hermenêutico é limitado – sendo impossível fazer justiça à experiência.

A partir dos sonhos reunidos por Beradt, Koselleck propõe “uma antropologia política dos sonhos” – a capacidade de tornarem “visíveis” (sob um outro código que não o da vigília) diferentes camadas temporais (experiência e expectativas em tensão). Também o fascinava certo caráter de “prognóstico” contido nos relatos. Koselleck propôs que os sonhos coletados por Beradt “anteciparam” a realidade subsequente a 1939, momento no qual a experiência do nazifascismo desencadearia mais radicalmente na experiência do terror (Arendt, 1990, p. 390-531). A noção de prognóstico aqui não pode ser simplificada à ideia da “adivinhação”. Os sonhos, na verdade, teriam captado uma estrutura latente e disponível da experiência histórica que mais tarde veio a se revelar como cotidiana durante o terror – o assombro vinha do futuro. O desmoronamento da subjetividade e a manifestação da violência fora primeiro intuitiva e corporalmente assimilada em sonho durante o período da propaganda e ideologização do nazismo. A partir dessa observação, Koselleck reorganiza as noções de ficção e de realidade histórica, argumentando como os sonhos produzem uma radical diluição das fronteiras entre a imaginação e a facticidade:

Os sonhos de início descritos são, entretanto, mais do que apenas testemunhos, passíveis de ser transformados em fonte, na medida em que se levem a cabo as disposições metodologicamente requeridas. Eles já são, embora apenas apreensíveis como relato, histórias ainda não escritas (vorsprachlich Geschichte), que sucederam em e com as pessoas referidas. São modos de manifestação do terror que se evidenciaram carnalmente. Noutras palavras: justamente como ficção, foram elementos da realidade histórica. Os sonhos não só remetem às condições que os possibilitaram como ficção. Já pelo modo como se apresentam, os sonhos encarnam o próprio terror (Koselleck, 2021, p. 118).

Com base nos relatos reunidos por Beradt, Koselleck defendeu que os sonhos seriam experiências de latência. Intuições que o corpo é capaz de perceber e de manifestar, mas não de verbalizar (por meio de uma narrativa convencional). “Existe uma razão do corpo, que vai mais longe do que aquilo que o medo permite ao sonhador fazer em estado de vigília” (Koselleck, 2006, p. 255). Os sonhos constituiriam, portanto, um tipo de experiência “não verbal” – histórias ainda não elaboradas, mas remanescentes de estruturas disponíveis e possíveis no horizonte.

O sonho seria, desse modo, um espaço de visualização, experimentação e de apreensão de realidades latentes, não necessariamente “visíveis” ou “aceitáveis”, mas já disponíveis na realidade histórica (como camadas de tempo ainda não acordadas), que podem ganhar formas (im)previsíveis. Isso ocorreria porque a vida onírica, como as demais dimensões da existência, acumularia sedimentos temporais, mas não as domesticariam à lógica linear causal. Mais que isso, os sonhos resguardariam a estrutura histórica por excelência. Na atividade psíquica noturna, experiências e expectativas (nossos e de nossos antepassados), se confundem, se reprogramam, se apresentam fragmentadas. Ainda que a narrativa dos sonhos durante a vigília tente elaborá-los e organizar as sensações provocadas, na experiência dos sonhos em si, passados, presentes e futuros comporiam um espaço de simultaneidades de modo que a “consciência” (performance) da vigília não seria capaz de determinar plenamente seus limites e suas relações – impossível discernir o que foi do que será – daí sua dimensão profundamente poética porque transcende a uma racionalidade causal. Desse modo, os sonhos não são redutíveis à noção de ficção tradicional ou apenas a experiências simbólicas individuais sujeitas à decifração, mas um espaço que intersecciona múltiplas realidades históricas com as vivências individuais.

As reflexões de Koselleck sobre o potencial dos sonhos para pensar/visualizar a realidade histórica de forma mais complexa, isto é, para além daquilo que imediatamente se apresenta, parecem confirmadas por algumas descobertas da neurociência associadas aos estudos sobre a memória, bem como os sonhos passaram a ocupar um interesse mais

geral das Humanidades e da História em particular (Rodrigues 2020, Santos 2021). Como as pesquisas de Sidarta Ribeiro revelaram no *Oráculo da noite* (2019), os sonhos podem ser entendidos como “oráculos” – estão prenhe de futuros em potencial. Isso porque ao atuarem como porta de acesso ao inconsciente (Freud, 1999) e também ao “inconsciente coletivo” (Jung 2014), essa dimensão mais do que o acúmulo das memórias, corresponderia também às combinações infinitas delas, o que significa que nossos sonhos possuem a capacidade de inspirar e “antecipar” realidades possíveis – “Se a vigília é o tempo presente, ao transe onírico pertencem o futuro e o passado, tudo que não foi ou que ainda pode ser, o horizonte de futuros possíveis: o mundo dos contrafactuais” (Ribeiro, 2020, p. 416).

Com base nessas considerações, propomos que o sonho adquire uma força expressiva para manifestação e percepção da realidade histórica e sua (re)imaginação devido à forma própria de (des)articular a linguagem (deslocando a vivência e a narração da temporalidade e da espacialidade convencional). O sonho percebe a realidade de forma não previsível e contém uma potência de nos reaproximar do caráter de possibilidade (transformação) da história. Isso ocorre porque ele oferece uma percepção alargada do tempo e do espaço, podendo “dissolver” e redirecionar essas dimensões, como faz, por exemplo, a arte e as experiências estéticas em geral (Gumbrecht, 2010). O mundo onírico tem, desse modo, uma presença particular, um componente físico de afetação dos corpos e de construção de atmosferas que intervém no nosso cotidiano e que dificilmente podem ser reduzidas exclusivamente às questões de representação.

A atividade onírica presentifica passados e futuros que nos assombram simultaneamente, não tão claramente “visíveis” exatamente porque não sabemos precisar de onde e quando vêm. Assim, podemos talvez aproximar a experiência do sonho à noção de espectro de Derrida – o “que não é dócil ao tempo, pelo menos ao que assim chamamos” (Derrida 1994, p. 13). Como completa Rafael Haddock-Lobo, “pois o tempo, o tempo digno desse nome, só surge como assombramento. O tempo do outro, dos outros, dos outros outros” (Haddock-Lobo, 2020, edição Kindle). Haddock-Lobo junto a Derrida propõe uma atividade filosófica que dá o nome de uma “espectrologia” ou uma “ontologia assombrada”. As aparições só poderiam ser pensadas em sua infinita pluralidade. Os fantasmas dos passados e dos futuros que se apresentam exige uma postura filosófica oposta à da tradição ocidental convencional. Esta estaria próxima da prática do exorcismo, do afastamento, da negação e do controle na medida em os espectros-passados-futuros-possíveis trazem consigo a diferença. Desse modo, “a tarefa do filósofo

precisa consistir em uma espécie de invocação, aceitação e acolhimento de todo outro que aparecer, pois a lógica da aparição é a do *acontecimento*, já que nunca, de fato, saberemos o que ou quem virá” (Haddock-Lobo, 2020, edição Kindle). Diante do que apresenta Derrida e Haddock-Lobo, sugiro a atividade onírica também como um dos acontecimentos possíveis da espectrologia. É durante o sonho que estamos mais vulneráveis porque abertos ao infinito de passados e futuros e de tantos outros que se cruzam sem norma prévia. O assombramento – a aparição não capturável dos espectros – como condição do que foi e abertura para o que há de vir.

Nesse sentido, o sujeito e uma comunidade que se relaciona intimamente com seus sonhos, com seus espectros (que advém do passado e/ou futuro), colocam-se em uma disposição afetiva para descoberta e enfrentamento de vivências muito caras a si e ao mundo do qual participa e que precisa diariamente (re)criar. Não por acaso, o sonho aparece como um dos primeiros espaços, se não o principal espaço (se considerarmos o que nos ensinam as cosmologias não-ocidentais) de manifestação daquilo que é imaginado, e tudo o que é e pode vir a ser realizado e enfrentado depende dessa capacidade de imaginação e conhecimento junto aos antepassados, a partir do qual o real e o futuro se (re)definem (Krenak 1994, 2019; Kopenawa 2019; Kaka Werá 2021).

Testemunhos oníricos da morte

Escreveu, pela primeira vez desde há longos meses, mas com enorme dificuldade. Havia uma linguagem que ele perdera.

A peste. Albert Camus

O horizonte histórico pandêmico configura-se como uma experiência limite porque além de suspender e deslocar uma série de sentidos e práticas cotidianas, a alta letalidade provocada pela Covid-19 expôs os sujeitos mais próximos da morte – ainda que, vale sempre destacar, essa exposição seja distinta para determinados grupos e sujeitos em razão das desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero. Buscando identificar, ainda que pontualmente, alguns desses desafios existenciais e sua relação com o horizonte histórico, escolhemos três experiências oníricas cuja relação pandemia-morte é central. Não propomos um esgotamento interpretativo desses relatos, mas um exercício mais modesto de estar em contato com eles, o que talvez possa alargar algumas percepções da experiência pandêmica.

Eu andava pelas ruas da Lapa no Rio de Janeiro, havia gente em todos os bares e ruas, uma alegria jamais vista tomava as pessoas, ao mesmo tempo que morriam. Era uma delícia. Tosses e gargalhadas se misturavam, pessoas se abraçavam e caíam rindo e morrendo. Havia um bem-estar e uma aceitação incrível da morte, da boa morte, prazerosa como um orgasmo fatal. Fazia

calor e eu ia bebendo dos copos das pessoas que não mais viviam, parecia que minha morte se aproximava quanto mais alegre e à vontade eu ficava.

Barcelona, 23 de março de 2020.⁷

Esse relato onírico foi publicado no arquivo *Pandemic Dreams Archive* e data do dia 23 de março de 2020 – 12 dias após a Organização Mundial da Saúde declarar oficialmente a pandemia em razão da rápida disseminação do Novo Coronavírus. Trata-se, portanto, de um sonho que repercute as primeiras reações à pandemia, num momento em que alguns países, sobretudo, na Europa, começavam a viver o pânico desencadeado pelo crescimento de casos e mortes, ao mesmo tempo em que não se descartava expectativas populares de que a pandemia poderia durar “pouco tempo”. O momento inicial era atravessado por certo pânico e dúvidas sobre o futuro da doença. O/a sonhador/a está em Barcelona. No dia 23 de março de 2020, a Espanha tinha 28.552 casos registrados e uma média de 175 mortes diárias.

O sonho produz o desvelamento de uma vivência festiva associada à morte desencadeada por abraços, risos, copos compartilhados. Uma cena eufórica, quase carnavalesca que subverte e reage às “orientações” do mundo da vigília em prol do isolamento social. O sonho indica uma clara associação entre a letalidade e o contato físico, ao mesmo tempo em que a experiência da morte é envolvida por uma alegria contagiante disseminada junto ao vírus (que está latente nos corpos e nos copos). O que torna esse sonho interessante é o fato dele destoar de um afeto e de uma imagem comumente associados à morte em parte considerável do mundo ocidental que é o sofrimento. Nessa atividade onírica, ao contrário, uma euforia e uma alegria atravessam essa vivência e ela se torna um destino possível e profundamente prazeroso. Quanto mais familiar (e próxima ao sonhador/sonhadora) a morte se tornava, mais feliz e regozijado ele/ela se sente. Não a teme, não ojeriza os corpos caídos. Bebe e festeja essa situação e para ela o sujeito se lança e é lançado.

O/a sonhador/a está em Barcelona, mas sua experiência onírica ocorre na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro. Esse deslocamento espacial torna o sonho ainda mais instigante, pois podemos confrontá-lo com as cenas posteriores dos bares e das festas no Rio de Janeiro (e no Brasil todo) que se tornariam populares no país a partir de julho de 2020, após o enfraquecimento das medidas de isolamento social, que do ponto de vista

⁷ Sonho 3 – Pandemic Dreams Archive - Disponível em: <https://archivedream.wordpress.com/2020/03/23/ensaios-do-pensamento-poscoronial/> Acesso: em 18/08/2021

das recomendações sanitárias, nunca foi muito rígido (e mesmo quando mais rígido, foi ignorado por parte da população brasileira).

As camadas de motivos que levam as pessoas a se aglomerarem em momentos ainda críticos da pandemia (não havia vacina até então) são inúmeras e difíceis de serem mapeadas ou esgotadas sem a perda de sua complexidade, o que foge aos objetivos aqui. O que vale destacar é que o sonho que soa “absurdo” em março de 2020 – aglomerar, gozar a morte e se familiarizar com ela, – em julho (no caso do Brasil e também em outros países) é a realidade manifestada e decidida por parte da sociedade que delibera por não considerar integralmente no seu cotidiano o caráter letal da peste, seja por meio de sua negação, ou por uma tentativa de se familiarizar com essa nova realidade, “normalizando-a”, e isso a despeito de orientações políticas mais ou menos conservadoras, reacionárias ou anárquicas.

A temporalidade contemporânea seria atravessada por certa redução de horizontes tido como inéditos e distintos dos mundos que conhecemos. Em outras palavras, é como se o futuro não fosse mais uma condição suficiente a nossa mobilização existencial e coletiva nos impulsionando para a construção de outras realidades. Nesse contexto, os passados têm mais centralidade. Eles inundariam a realidade a partir da acumulação de memórias e de experiências, reivindicando atenção e direcionando as atividades humanas. O presente, por sua vez, expande-se a partir do acúmulo de passados e das ameaças coletivas em torno do futuro, gerando uma experimentação contínua de si mesmo, uma estagnação (Gumbrecht, 2015). É como se as constatações dos limites sócio-ambientais, por exemplo, ao invés de forçarem a construção coletiva de outros mundos, impelisse parte do Ocidente a uma sensação de que “não há nada mais a fazer”, gerando uma perda de energia na mobilização dos futuros, ou impondo soluções imediatistas que soam inalcançáveis. Tudo isso gera oscilações coletivas ora demasiadamente pessimistas ora demasiadamente otimistas (como “tudo vai passar”, “isso vai acabar”), mas que mesmo quando otimistas não se traduzem em ações concretas capazes de reorganizar decisiva e coletivamente os desafios globais (Rangel e Rodrigues 2018). O sonho em questão pode indicar, a partir dessa leitura, o risco da pandemia intensificar essa tendência.

A dimensão festiva e orgiástica estabelecida com a morte nessa experiência onírica reforça certa diluição entre transcendência e imanência, ou seja, a morte é encarada radicalmente como uma dimensão da existência humana, como horizonte “final” inevitável. “[...]Parecia que minha morte se aproximava quanto mais alegre e à vontade eu ficava”. Nesse caso, a proximidade da morte e sua inevitabilidade vai sendo

destituída de seu peso à medida que o/a sonhador/a vai celebrando sua presença. Há um entrelaçamento entre presença da morte e a alegria dionisíaca. Há a evocação de uma potência disruptiva, ao mesmo tempo (auto)destrutiva, que faz o/a sonhador/a se entregar à morte. O peso que vai sendo liberado é o compromisso existencial de construção do futuro. O/a sonhador/a relaxa, festeja, confia em um deixar-se morrer. Ele/ela está alegre, está em gozo porque está se emancipando do peso de ter de escapar da morte, um exercício ao fim inútil, mas ao qual nos apegamos. O sonho indica uma aposta na qual essa liberação acontece, emancipar-se do ter de sobreviver é emancipar-se do compromisso de construir a realidade, de projetar futuros a partir da realidade que se apresenta, neste caso, da realidade pandêmica. A tradicional relação sofrimento e morte não está em questão nesse sonho porque há a liberação do compromisso de ter de viver. No limite, o sonho expressa o abandono do projeto histórico ocidental de triunfo sobre a morte e sobre a finitude.

Mas quando viram que o caso era sério, lembraram-se do prazer. Toda a angústia que se pinta durante o dia nos rostos se dissolve então, no crepúsculo ardente e poeirento, numa espécie de excitação desvairada, numa liberdade desajeitada que inflama todo um povo.

A peste. Albert Camus.

Estou aflita e agitada. Pauso o trabalho doméstico que pareço realizar às pressas junto ao meu trabalho profissional. Com o celular na mão, eu me direciono ao sofá da sala. Sento-me para compreender uma culpa que está me atravessando. Percebo que não falava com meu pai há um ano devido à pandemia. Eu me desespero pensando que nunca mais o veria. Tento lembrar a idade dele e não consigo. Olho para o telefone como se encontrasse uma solução. Por que eu não havia pensando antes em falar com ele por vídeo-chamada? Melancólica, o sonho me alerta que isso não faz sentido. Esse recurso não estava disponível para mim. Meu pai já estava morto. Então, sinto um alívio mais profundo porque me lembro que ele não poderia morrer novamente. Eu não precisaria lidar com sua morte nas condições impostas pela pandemia.

27 de março de 2021

O sonho acima constrói uma relação bastante particular de uma mulher de 31 anos em relação à ausência e à memória do pai. Ele pertence a um banco de sonhos particular onde reúno os registros de amigos e conhecidos que os partilham comigo. A sonhadora está aflita. Seu cotidiano está marcado por uma angústia e por uma culpa que ela só consegue identificar quando pausa. Interrompe o trabalho doméstico e o profissional (que se confundem) e, então, descobre o motivo: a falta de comunicação com o pai em razão da pandemia há mais de um ano. Ela se sente responsável pela ausência de contato com ele, como se a falta de comunicação fosse sua inteira responsabilidade. Quando percebe

o motivo da angústia se desespera com a causa e a implicação dela: poderia nunca mais vê-lo. A pandemia suspende determinados futuros. Muitos encontros correm o risco profundo de nunca mais ocorrerem. Ela tenta se lembrar a idade do pai e não consegue, como se o confinamento anulasse as informações mais básicas sobre os entes próximos e íntimos. O telefone celular, recurso técnico que funciona quase que como uma extensão do corpo, traz um alívio porque se apresenta como uma alternativa de proximidade (ainda que virtual) dos afetos e das saudades. O aparelho parece colocar à disposição algumas pessoas, algumas ausências. Ela se surpreende pelo fato de não ter cogitado isso antes, mesmo com o celular a acompanhando pela cena, como a lembrá-la dessa possibilidade.

Quando olha para o telefone e tem a ideia de falar com o pai por vídeo-chamada, é o próprio sonho que a lembra que este recurso não está disponível. Sua angústia não fazia sentido porque ele já estava morto. É a experiência onírica quase que num gesto de auto-observação que a adverte da ausência definitiva do pai (o que ocorrera há tempo considerável). Ao ser lembrada da morte dele, sua angústia não se aprofunda. Pelo contrário, a constatação se torna um alívio, uma liberação da tristeza e da culpa pela falta de comunicação. A natureza da sua aflição inicial pode, então, se revelar com mais nitidez: estava menos preocupada com a ausência e morte do pai em si e mais com a morte do pai nas condições sanitárias e políticas impostas pela pandemia. Melhor a experiência consolidada do pai já morto, a fase mais densa do luto operada, do que ter de lidar com sua passagem nas atuais condições funerárias. O desfecho do sonho ao invés de revelar uma angústia, desvela uma razão a menos para se preocupar e, em certa medida, é como se invejasse também aqueles mortos que partiram antes dessa experiência.

Um sonho com temática semelhante acomete a sonhadora no mesmo período, porém dessa vez com a mãe (viva) que chorava dizendo que não queria ser enterrada em qualquer lugar, cidade ou vala comum. Vendo o desespero da mãe, a sonhadora indica a ela um plano funerário para que assim conseguisse algum controle sobre sua passagem. A mãe chora mais radicalmente diante dessa sugestão. A filha a acolhe e faz escondida as contas da idade da mãe (como no sonho com pai). Quando finalmente se lembra da idade, sente certo alívio por ela ser um pouco mais jovem. A mãe teria mais tempo de vida. Quem sabe poderiam ter momentos melhores no futuro? A sonhadora tenta se apegar a isso para acalmar a mãe e a si própria, embora ambas estivessem amedrontadas e sem a segurança de que isso seria possível. Abraçadas, o tempo parecia ter acabado. Acorda com uma saudade profunda da mãe (que havia visto no dia anterior), mas não consegue lembrar seu rosto.

Os trabalhos doméstico e profissional atrelados. Angústia. Culpa. Pressa. Melancolia. O pai morto. Alívio. O medo da mãe em morrer e o medo de perder a mãe. O choro. O desespero. O controle sobre a morte frustrado. O esquecimento da idade dos pais. O acolhimento. O abraço. O peso do cuidado. A dúvida. A sensação de que o tempo tinha acabado. Definitivamente, esses e outros afetos e experiências mais caros às mulheres⁸ não estão exclusivamente determinados pela situação pandêmica. Mas, também definitivamente, por ela foram potencializados e reconfigurados. Ambos os sonhos aconteceram no final de março de 2021, mês mais letal da pandemia no Brasil até então, com mais de 3 mil mortes diárias.

No começo da peste, lembravam-se nitidamente do ente que haviam perdido e sentiam saudade. Mas, se se lembravam nitidamente do rosto amado, de seu riso, de determinado dia em que agora reconheciam ter sido feliz, tinham dificuldade de imaginar o que o outro podia estar fazendo no próprio momento em que o evocavam e em lugares de agora em diante tão longínquos. Em suma, nesse momento, tinham memória, mas uma imaginação insuficiente. Na segunda fase da peste, perderam também a memória.

A peste. Albert Camus

Eu me via dentro de uma cova já avançada na profundidade necessária. Solo de argila branca, pedras roladas, grandes seixos mesmos, brancos, areia, como se o barranco que eu escavava houvera sido o leito de antigo rio. De fato, ao que parece, cavava perpendicularmente a uma estrada. Em meio ao trabalho, que executava solitariamente, encontro também uma dessas rochas sedimentares claras (Pedra São Tomé?), praticamente planas, muito comuns em Ouro Preto. E percebo que essa pedra se encaixaria perfeitamente como estela para o tumulo. Sou mais magro dentro da cova, um pano amarrado à cabeça, sem camisa, completamente coberto do pó branco grudado ao suor, coberto de argila branca e areia, como os garimpeiros de Serra Pelada cobertos de lama. Cavo com as mãos imaginando qual seria o melhor lado para deitar a cabeça de meu amigo morto. Parcialmente envolto em uma mortalha que lhe deixava o rosto barbado à mostra. Mas sendo adulto, F. parecia ter encolhido um pouco, sendo do tamanho de uma criança de 10 anos. Decido que o pelo lado oposto à estrada.

Ouro Preto, 02 de maio de 2020

O relato possui uma riqueza delicada de detalhes que nos fazem acompanhar o sonhador na árdua tarefa de enterrar um amigo. Estamos dentro da cova com ele. Visualizamos as camadas do solo. O suor e a poeira pelo corpo. Sua tarefa solitária. As pedras são também protagonistas no sonho, definem o cenário duro. A analogia com os garimpeiros de Serra Pelada reforça a imagem barrenta, miserável e predatória da experiência. A decisão de enterrar F. ao lado oposto da estrada intensifica a ênfase de um

⁸ Sobre sonhos das mulheres na pandemia, ver também o capítulo “*Mulheres*”: *Mãe sonhei com você: contar o trauma* de Carla Rodrigues, et. al. no livro *Sonhos Confinados* (2021, p. 131-169).

caminho interrompido e alterado. O corpo vivo, mais magro, e o corpo morto, menor, expõem a fragilidade diante um desafio para o qual não nos preparamos (embora saibamos inevitável): morrer e enterrar os entes amados.

O sonhador é meu amigo. Ciente do interesse que nutro pela experiência onírica e dos registros que faço dos meus sonhos e dos/as amigos/as que os compartilham comigo, ele me encaminhou por escrito esse e outro relato. Quando li esse sonho em particular, senti uma tristeza profunda, era como se ele tivesse uma importância mais direta para mim. Talvez, as angústias mais íntimas de M. me entristeceram em razão do afeto que nutro pelo meu amigo. Talvez fosse também o fato de associar a abreviação F. a um colega em comum. O curioso é que após o envio do sonho, diferentemente, do que costumo fazer, não reagi procurando ouvir mais informações. Era como se o relato tivesse produzido efeitos que me exigissem algum silêncio. Bastava o que eu lia.

Em 15 de novembro de 2020 morreu Adriano. Pelas iniciais, literalmente, não era ele o amigo que M. enterrava no sonho. Mas foi esse o amigo que o destino imputou M. a responsabilidade de encontrar morto em casa. Adriano não morreu em decorrência direta da Covid-19. Morreu dos efeitos devastadores da pandemia para um boêmio: solidão, precariedade financeira, uma revolta profunda da mediocridade de seu entorno. Não morreu em festa, em gozo, na rua.

Em 08 de abril de 2020, ele publicara o poema *Considerações tardias* na revista eletrônica HH magazine acompanhado, por sua sugestão, do *Auto-Retrato Depois da Gripe Espanhola (1919) de Edvard Munch*. O poema é sua leitura de uma Ouro Preto “hospitalar”. Uma certeza irônica de que a morte não o alcançaria junto à percepção definitiva de que algo foi descontinuado. O poema presentifica seu desconforto com o cenário de mudança abrupta. Desejos e movimentos interrompidos. Os passados e as memórias perdidas, sem autoridade para a produção de algum conforto e redenção, sem condições até mesmo para o assombro. Os afetos determinados pela técnica. O mundo que conhece, que deseja e participa se fratura. Seu infarto vem de uma suspensão radical de sentidos (inscritos no corpo) que convenciamos chamar de sofrimento. Morreu o poeta. Não se pode mais viver como antes.

Que o futuro se tornou em diferentes níveis uma fonte de angústia a partir da pandemia não parece algo difícil de constatar. Mais importante talvez do que esse diagnóstico seja a pergunta sobre o que faremos com ele, o que faremos com a suspensão de sentidos tão radicais (para uns mais que outros/as) que tomam a forma de um sofrimento agudo, de um sofrimento histórico? Como nos assombrarão mais de meio

milhão de mortos (apenas no Brasil)? Como os deixaremos falar? Essa questão não pode esvair-se de nós, pois “estar-com os espectros seria também, não somente, mas também, uma *política* da memória, da herança e das gerações” (DERRIDA, 1994, p. 11).

A pandemia (junto à “política” de Bolsonaro) expôs os que sobreviveram a uma perda de vitalidade e de energia. Uma experiência desencantada porque suprimiu passados e, sobretudo, futuros e, portanto, a mobilidade da história (Rangel, 2019). Lidar com essa experiência a médio e longo prazo exigirá, talvez, uma justa e impossível medida, em termos nietzschianos, entre o lembrar e esquecer, a ação e pausa, a festa e o luto (Nietzsche, 2003). Por isso, essa experiência pobre, para pensarmos junto a Walter Benjamin, precisa ser contada ainda que sua narrativa soe inútil, insuficiente e irremissível. Mas talvez mais importante que narrar é saber que partiremos dela – “Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (Benjamin, 1994, p. 118). Nosso futuro precisa ser reimaginado, redescoberto e isso junto aos nossos mortos e dores. Tudo que viemos a ser vem pelo primado da imaginação. Nenhuma imaginação vem a ser a despeito do que aí já vige ou vigeu. Recombiná-las, talvez isso nos ensinam os sonhos – “Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças” (Benjamin, 1994, p. 118).

a morte nunca será minha
o amor tampouco deixará de ser distribuído
de acordo com as demandas do mercado.
no cenário ideal
sequer reverei o bolinho de chuva
amassado no pirex da memória,
esboço do tempo a ser interrompido,
finalmente.
as sensualidades estarão suspensas também
que não convém misturar carne queimada
no espírito hospitalar da cidade,
presentemente

Adriano Menezes, 08 de abril de 2020

Referências bibliográficas

- [AGAMBEN](#), Giorgio. *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo editorial, 2020.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.
- BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, e185305, jun. 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530005>.
- BERADT, Charlotte. *Sonhos do Terceiro Reich*. Com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três estrelas, 2017.
- BORGES, Fabiane; DINIZ, Livia; FRAZÃO, Rafael; PIMENTEL, Thiago. Onirocracia, pandemia e sonhos ciborgues. *Blog N1 edições. Pandemia crítica*. 2020. Disponível em: <https://www.n1edicoes.org/textos/197> Acesso em: 18/08/2021
- BUTLER, Judith. O futuro da pandemia. *Blog da Boitempo*. Publicado em 28/05/2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/05/28/judith-butler-o-futuro-da-pandemia/> Acesso em: 18/08/2021
- CAMUS, Albert. *A peste*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DAVIS, Angela. KLEIN, Naomi. *Construindo movimentos: Uma conversa em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo editorial, 2020.
- DERRIDA, Jacques. Exórdio. In.: *Os espectros de Marx*. O Estado da dívida, o trabalho, o luto e a nova Internacional. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 9-13.
- DUARTE, André. *A pandemia e o pandemônio: Ensaio sobre a crise da democracia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Viaverita, 2020.
- DUNKER, IANNINI, GURSKI, PERRONE, ROSA (Org.). *Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1999.
- GUMBRECHT, Hans U. *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente*. O tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. *Os fantasmas da colônia: Notas de Desconstrução e Filosofia Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020 - Edição Kindle.

HARTOG, François. A Covid e o tempo: “Who is in the driver’s seat?”. In.: *HH Magazine: Humanidades em rede*. Publicado em 03 /02/2021. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/a-covid-e-o-tempo-who-is-in-the-drivers-seat/>. Acesso em: 18/04/2021.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

JUNG, Carl Gustav. *Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Vol. 9. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

KAFKA, Franz. *Parábolas e fragmentos*. Lisboa: Assirio & Alvim, 2012.

KAFKA, Franz. *Sonhos*. São Paulo: Iluminuras, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOSELLCK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RIO, 2014.

KOSELLCK, Reinhart. Ficção e realidade histórica. In.: GUMBRECHT, Hans; RODRIGUES, Tamara. (Org.). *Reinhart Koselleck: uma latente filosofia do tempo*. São Paulo: Unesp, 2021, p. 109-129.

KOSELLCK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Posfácio. In.: BERADT, C. *Sonhos do Terceiro Reich*. Com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Trêsestrelas, 2017, p. 163-182.

KRENAK, Ailton. *Antes, o mundo não existia*. In.: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 201-204.

KRENAK, Ailton. *Ideais para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MENEZES, Adriano. Considerações tardias. In.: *HH Magazine: Humanidades em rede*. Publicado em 08 de abril de 2020. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/constatacoes-tardias/> Acesso em: 18/08/2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará 2003.

O Onírico. Primeiro Jornal onipolítico do Brasil. Edição, nº 1. Porto Alegre, junho de 2021.

PEREIRA, Mateus; MARQUES, Mayra; ARAUJO, Valdei. *Almanaque da COVID-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake e um vírus real*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

PETRONE, Talíria. *(Re)nascer em tempos de pandemia: Uma carta à Moana Mayalú*. São Paulo: Boitempo editorial, 2020.

RANGEL, Marcelo de Mello. *Da ternura com o passado: história e pensamento histórico na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Outros modos de pensar e sonhar: a experiência onírica em Reinhart Koselleck, Ailton Krenak e Davi Kopenawa. *Revista de Teoria da História*, v. 23, p. 156-177, 2020.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite*. A história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira; RANGEL, Marcelo de Mello. Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo. *Maracanan*, v. 18, p. 66-82, 2018.

SAFATLE, Vladimir. Bem vindo ao estado suicidário. *Blog NI edições. Pandemia crítica*. 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Acesso em: [18/08/2021](https://www.n-1edicoes.org/textos/23)

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Biotempo editorial, 2020.

SANTOS, Evandro. Da vida na história: ensaio sobre impasses da teoria e história da historiografia desde o ponto de vista da psicanálise. In.: *História e Psicanálise*. BRAGA, Sabrina Costa; GONÇALVES, Murilo (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 194-210.

WERÁ, Kaká. *O poder do sonho*. Um livro sobre a arte de sonhar. Tumiak Edições, 2021.